

O RENASCIMENTO

META

Apresentar características fundamentais do Renascimento Artístico experimentado pela Europa, privilegiando as experiências na Itália.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

- identificar os principais traços que caracterizam o chamado Renascimento;
- Reconhecer a relevâncias das mudanças produzidas pelo Renascimento na vida europeia do século XVI;
- perceber a importância da história da arte como elemento articulador dos conteúdos na abordagem da História Moderna.

PRÉ-REQUISITOS

Leituras da aula anterior.



Vista do teto da Capela Sistina/Vaticano, afresco de Michelângelo, 1508-1512.
(Fonte: <http://www.territorioscuola.com>)

INTRODUÇÃO

Ernst Gombrich

Historiador da arte. Escreveu *A História da Arte*, livro originalmente publicado em 1950, trabalho fundamental para quem se dedique à crítica ou história da arte. Com linguagem acessível e elegante, o livro foi um sucesso, vendendo milhões de cópias e sendo traduzido em aproximadamente 30 idiomas. Entre os títulos que recebeu em reconhecimento ao seu trabalho, foi nomeado Membro do Império Britânico, em 1966, e ordenado Cavaleiro em 1972.

“Não existe arte, existem apenas artistas”. É deste jeito que Sir **Ernst Gombrich**, conhecido historiador do assunto, define a importância das manifestações artísticas como reflexos da vida em sociedade (GOMBRICH, 1999, p.16). Olhar atentamente para as manifestações artísticas de um povo também é estudar aspectos da sua vida cotidiana, dos movimentos da sua economia e religiosidade. Porém, através da arte não nos deparamos exatamente com um espelho da realidade, um desenho nítido e simétrico do passado. Encontramos sinais, traços, pistas deixadas pelo tempo. Por isto, é importante o estudo do Renascimento Artístico ocorrido na Europa entre os séculos XV e XVI.

Afinal de contas, o Renascimento marca o processo de construção do homem moderno e da sociedade contemporânea. São tempos em que se percebem sinais cada vez mais claros de individualismo, esboçado em fins de Idade Média, do Racionalismo, e de uma ambição ilimitada, “típicos de comportamentos mais imperativos e representativos do nosso tempo”, nos lembra Nicolau Sevcenko (SEVCENKO, 1985, p.5). O mesmo conjunto de mudanças eleva a razão abstrata como base para o Estado Moderno. Juntos a tudo isto um inegável desejo de liberdade e autonomia de espírito. Um desejo de investigação, de exploração do homem e de suas coisas...



O Leviatã desenhado por Abraham Bosse para a obra de Thomas Hobbes. Foi no Renascimento que emergiu, ainda que embrionariamente, o Estado moderno – pacificando as guerras feudais, unificando moedas, impostos, leis, fronteiras e aduanas, e instituindo uma moral própria e uma razão diferente do resto da sociedade: a razão de Estado. Hobbes, juntamente com Nicolau Maquiavel e Jean Bodin, participa da “triáde fundadora” do conceito de Estado moderno, em particular, e do pensamento político moderno em geral.

(Fonte: <http://projeto-phronesis.files.wordpress.com>).

ANTECEDENTES

O filósofo pré-socrático Heráclito de Éfeso (540 a.C.-470 a.C) defendia a ideia de que tudo flui. Assim, como exemplo, lembrava que um homem nunca entra mais de uma vez no mesmo rio, pois nunca será o mesmo homem, tampouco o mesmo rio. Ora, se considerarmos este mesmo princípio de mudanças contínuas, opostas, mas ao mesmo tempo complementares, compreenderemos um pouco do impacto das idas e vindas dos europeus por suas próprias terras, mas também das suas imersões nas culturas do Oriente.

Uma crescente procura de produtos obtidos em feitorias comerciais fincadas no Oriente ocorre paralelamente às turbulências sociais e econômicas vividas pela Europa ao final do medievo. As Cruzadas também provocaram um empreendimento comercial.

Esta efervescência dos negócios serviu como base para a gestação de um novo estilo de vida e de um novo tipo social. Ainda desajeitado, mas arrogante e exigente, nascia o burguês. Vejamos o que diz Sevcenko: “A nova camada dos mercadores enriquecidos, a burguesia, procurava de todas as formas conquistar um poder político e um prestígio social correspondentes a sua opulência material” (SEVCENKO, 1985, p.5). Sem saber ao certo como sentar-se adequadamente à mesa, sobre como portar-se em certas ocasiões, esta personagem invade a vida social europeia. E, como toda invasão, a chegada da burguesia provocou rebuliços.

Em outras aulas, vimos que as mudanças vividas durante o início do Renascimento encontram pelo menos três fatores explicativos: a Peste Negra, a Guerra dos Cem Anos (1346-1450) e as revoltas populares (consulte a aula 2). Juntemos a isto a adoção do trabalho assalariado como prática nas esferas produtivas. Subproduto deste avanço é o surgimento de uma concorrência entre os indivíduos, o fortalecimento do individualismo, a partir da ruptura de antigos laços de dependência. Senhores e servos são lentamente eclipsados por patrões e empregados.

**O RENASCIMENTO EM DUAS CIDADES:
FLORENÇA E VENEZA**

No século XVI, Florença era um centro do humanismo. Rica cidade, considerada “o palco mais prodigioso da efervescência renascentista”, Florença vivenciou o amor dos artistas ao belo, a sua idealização. Viu nascerem artistas como Michelangelo Buonarotti. Entre os florentinos logo se definiu uma das mais influentes correntes do pensamento humanista: “o platonismo, cheio de consequências para toda a história das idéias e da arte do período” (SEVCENKO, 1985, p.18). Para os platonistas, a beleza era a manifestação do divino. A busca pelo belo representava o maior exercício

de virtude, o mais puro e sincero ato de adoração a Deus.

Mas não se deve achar que eles considerassem a arte simples imitação da natureza. Os artistas adeptos do platonismo pretendiam antes a superação da natureza pela perfeição absoluta.

Diferentemente da perspectiva adotada em Florença, em Pádua, sob a influência de Veneza, um grupo de intelectuais se mostrou inspirado pelo aristotelismo. Desligaram-se das preocupações teológicas, interessados nos estudos dos fenômenos naturais. Os paduanos chegam a questionar os dogmas da Igreja - negaram a criação, a imortalidade da alma e os milagres, abraçaram ardorosamente o naturalismo e defenderam a supremacia natural da razão.

Todavia, o Renascimento não pode e não deve ser visto como uma ruptura abrupta ou como um movimento unificado e homogêneo. Precisamos considerar um conjunto de alterações ocorridas na Europa há certo tempo. Mudanças que, conjugadas, desembocam neste movimento sem antecedentes, diversificado em suas manifestações, variável de cidade para cidade. Contudo, o núcleo deste processo, sem dúvida, pode ser apontado no Humanismo. Mas o que foi o Humanismo?

Humanismo

Conforme Nicolau Sevcenko, “segundo essa corrente, o Cristianismo deveria centrar-se na leitura do evangelho (...), no exemplo da vida de Cristo, no amor desprendido, na simplicidade da fé e na reflexão interior. Era já o anseio da reforma da religião, do culto e da sensibilidade religiosa que se anunciava e que seria desfechada de forma radical, fracionando a cristandade, por outros humanistas, como Lutero, Calvino e Melancton” (SEVCENKO, 1985, p.20).

HUMANISTAS – CONCEITUAÇÃO INICIAL

O **Humanismo** foi um movimento de renovação. De acordo com Sevcenko, o movimento representava a busca pela renovação dos estudos tradicionais e possuía raízes no século XIV, “baseado no programa dos studios humanitatis (estudos humanos), que incluíam a poesia, a filosofia, a história, a matemática e a eloquência, disciplina esta resultante da fusão entre a retórica e a filosofia” (SEVCENKO, 1985, p.13).

Portanto, o Humanismo compreendeu um esforço em modificar a produção do saber, inclusive aquele oriundo das universidades medievais, fortemente influenciadas pela preocupação em enfatizar três campos: o Direito, a Medicina e a Teologia.

Ao se voltarem para a crítica ao saber produzido com a intenção de renovar e atualizar o conhecimento, os humanistas ajudaram a modificar a posição do homem dentro dos debates do período. Através deste exercício crítico, vemos emergir o antropocentrismo, ou seja, o homem e suas experiências passam a ser o centro das preocupações. Os valores humanos passam a servir de coordenadas. É diante destas referências que Macbeth, personagem de William Shakespeare, pondera: “Atrevo-me a fazer tudo o que é próprio de um homem. Quem se atreve a mais, homem não o é” (SHAKESPEARE, 2003, p.164).

O MECENAS SURGE

A cultura burguesa, se quisesse se impor, tinha que combater a cultura medieval. Deste modo, na Itália, França e Países Baixos, a prática se repete: “muito mercador bem-sucedido queria legar sua imagem aos vindouros; muito burguês respeitável que fora eleito vereador ou burgomestre desejava ser pintado com as insígnias do seu cargo” (GOMBRICH, 1999, p.413). Os artistas serviam para isto.

As prósperas famílias de burgueses enriquecidos com o comércio, os novos príncipes, os grandes clérigos disponibilizam parte de seus recursos para as artes. Graças a isto, poemas foram escritos, afrescos inventados, palácios construídos, igrejas e catedrais erguidas, estátuas talhadas. As cidades se embelezaram.

Para o historiador Michael Baxandall, o termo mecenas soa restritivo. Devemos entender o mecenas como um sujeito ativo deste processo, alguém determinante “e não necessariamente benevolente: podemos chamá-lo o cliente. A melhor pintura produzida no século XV era realizada sob encomenda por um cliente que exigia sua execução conforme suas especificações”. Entre os empreendimentos possíveis, a pintura de quadros era o investimento relativamente mais baixo. Mas era algo que conferia visibilidade significativa às ações dos “clientes”. Com o tempo, apurado pelas contínuas encomendas, pela concorrência frente aos seus rivais nos círculos sociais, o cliente, o mecenas, findou sendo um “comprador de habilidades” (BAXANDALL, 1991, p.11, 31).

Entre os “vendedores de habilidades”, um dos mais importantes precursores do Renascimento italiano foi **Giotto di Bondone** (1266-1337). Ele nos ofereceu uma pioneira ruptura com padrões medievais. Suas pinturas apresentam um esforço para estabelecer certa individualidade nas fisionomias, nas vestes. Tomemos como exemplo o afresco *A Lamentação* (1303-1310), pintado na Capella degli Strovegni, em Pádua. Há nela uma busca emocionada por expressões, por dotar a imagem não apenas de uma dimensão de volume, de espaço, mas por impor à pintura um caráter dramático. Embora não sejam imagens tão sofisticadas quanto veremos depois em artistas como **Leonardo Da Vinci** (1452-1519), Giotto fez algo extremamente difícil. Ele descobriu caminhos, preparou o terreno para as mudanças que a arte sofreria nos anos do Renascimento.



A Lamentação.

(Fonte: <http://naturalpigments.com>).

Giotto di Bondone

Nasceu em Colle Vespignano, nas cercanias de Florença, Itália. Aluno do conhecido artista toscano Cimabue, foi, além de pintor, arquiteto.

Leonardo Da Vinci

Nasceu em Vinci, na região da Toscana, província de Florença. Foi discípulo de Verocchio, respeitado pintor florentino. Foi um renascentista de múltiplas ocupações: engenheiro, arquiteto, botânico, músico, escultor, matemático, pintor, poeta, cientista. Trabalhou a maior parte da vida em Milão, mas viveu ainda em Roma, Bolonha, Veneza e na França, país onde faleceu. Eis apenas alguns dos seus trabalhos mais famosos: Mona Lisa (1503-1507), A Última Ceia (1495-1498), A Adoração dos Magos (1481-1482), A Virgem dos Rochedos (1483-1486).

ARTE DE PESQUISA E INTERAÇÃO

A arte do Renascimento é arte de pesquisa. É arte feita de maneira metódica, cheia de inovações, marcada por experiência, ousadia, progressos técnicos. Uma destas inovações é o estabelecimento da perspectiva como primordial na construção das obras. Graças ao uso gradativamente mais frequente da perspectiva, ampliam-se os quadros em que a sensação obtida é a de que se pode ir além da pintura. Os pintores deliciam seus clientes com a ilusão da profundidade.

Claro, isto não foi feito de uma hora para outra. Foram muitas as experiências, as tentativas para chegar a um equilíbrio. Os renascentistas se abrem para a investigação da natureza. Novas cores, novas técnicas surgiram. Os artistas observam pássaros, cavalos. Ousam até a dissecar cadáveres. E qual o resultado de tanto esforço? Na interpretação de Nicolau Sevcenko, o artista ascende não mais como artesão, mas como cientista. E, com isto, “abre-se um enorme fosso entre a arte voltada para a elite e presa a todos esses procedimentos científicos e a arte popular, a que se habituou chamar de primitiva” (SEVCENKO, 1985, p.32). Porém, Peter Burke nos convida a olhar com um pouco mais de calma esta paisagem e perceber as relações contínuas e frutíferas entre os dois tipos de arte, a de “elite” e a “popular”.

Conforme Burke, “estudos recentes da cultura popular afirmaram, de maneira muito razoável, que é mais proveitoso estudar as interações entre a cultura erudita e a cultura popular do que tentar definir o que os separa”. O historiador britânico observa que várias barreiras excluíram as pessoas do mundo da arte e da literatura renascentista. Destacam-se: 1) a língua; 2) a alfabetização; 3) Barreiras econômicas (BURKE, 2006, p.179-180). Por isto, ele considera que é possível observar um processo interativo de mão dupla: por um lado, há a propagação das ideias e formas da elite para o povo; do outro, artistas (pintores e escritores) foram buscar inspiração na herança popular.

Ora, lembramos que muitos artistas não eram letrados e aqueles que sabiam ler, muitas vezes não dominavam idiomas como o latim e o grego. Isto faz uma diferença considerável, pois implica em leituras diferenciadas para a constituição das pinturas e esculturas. Portanto, ao falarmos da produção renascentista, devemos ir além da apropriação realizada nesta interação, mas também considerar a capacidade dos artistas, mesmo sem o pleno domínio da escrita, em recepcionar e a assimilar ideias. E o mesmo deve valer para o seu público e clientes (BURKE, 2006, p.180).

A NOVA POSIÇÃO DO ARTISTA

Podemos dizer ainda que com o Renascimento nasce o orgulho de ser artista. Ou pelo menos, há nele um reconhecimento inédito desta personalidade. Afinal de contas, pela primeira vez os pintores se atrevem a pintar a

Raffaello Santi

Nasceu em Urbino em 1483, mas ficou conhecido como integrante da chamada Escola de Florença. Foi discípulo de Perugino, sendo reconhecido como pintor e arquiteto. Trabalhou na corte dos papas Júlio II e Leão X. Suas obras são conhecidas pela delicadeza e busca da perfeição, da harmonia no traçado e no uso das cores. Faleceu em Roma, em 1520. Destacam-se entre suas principais obras: Madona e o Menino entronados com Santos (1504-1505), O casamento da Virgem (1504), A bela jardineira (1508), A Escola de Atenas (1509-10), Transfiguração (1518-20).

si mesmos, inserem-se em cenas clássicas, desfrutam desenvolvimentos de uma nova posição social. Reproduzidos em tinta, telas e paredes, os artistas são parte de um grupo seletivo antes composto apenas por santos, nobres e pelos grandes senhores burgueses. É assim em pinturas como *A Escola de Atenas*, de **Rafael Sanzio** (1483-1520). Lá estão pintados Bramante (Euclides), Michelangelo (Heráclito), Leonardo (pintado como Platão) e o próprio



A Escola de Atenas.

(Fonte: <http://caminhodomeio.files.wordpress.com>).

Rafael, como Apelles. O mesmo pode ser vislumbrado na pintura *As bodas de Caná*, de **Paolo Veronese** (1528-1588). Baseada na narrativa bíblica (João, Capítulo 2, versículos 1 a 11), a pintura, feita entre 1562 e 1563, apresenta o cenário da festa. Cristo está nela. Ao centro, uma orquestra anima a festa. Mas quem são os músicos? Os pintores Jacopo Bassano (1510-1592),



As bodas de Caná.

(Fonte: <http://casoual.files.wordpress.com>).

Paolo Veronese

Nasceu em Verona, no nordeste da Itália. Seu nome de batismo era Paolo Caliari, mas ele acabou incorporando o topônimo relativo ao seu lugar de origem. Entretanto, a produção artística de Veronese se deu em Veneza. Chegou a ser convocado para dar esclarecimentos sobre suas pinturas à Inquisição, mas não foi preso. É conhecido pela propriedade e habilidade com que explora as cores, pela harmonia conferida às suas imagens. Além de *As bodas de Caná*, destacamos *A ceia na casa de Levi* (1573).

tocando um corneto soprano, Ticiano Veccelli (1490-1576), no contrabaixo, Tintoretto (1518-1594) ao violino (ou lira da braccio) e o próprio Veronese, na viola tenor. Quanta ousadia! É como se Veronese seguisse de perto as ponderações de Macbeth. Ele era homem e podia se atrever.

O prestígio evidenciado pela presença dos artistas nas obras acima mencionadas ganhou reforço a partir de obras pioneiras como as de Lorenzo Ghiberti (1378-1455), que publicou a sua autobiografia, e Giorgio Vasari (1511-1574), autor de *A Vida dos Artistas*, primeira biografia coletiva sobre os renascentistas. Sobre Ticiano, o baixista de Veronese, contava-se que o Imperador Carlos V, em visita ao artista, teria se abaixado para apanhar o seu pincel. Embora não seja possível comprovar, só o estabelecimento desta possibilidade indicia a valorização do artista, capaz de ser envolvido em histórias deste tipo.

Mas é preciso pensar também que este reconhecimento teve consequências para o profissional da arte. A divisão social do trabalho é uma delas. Diversos artistas e aprendizes trabalham na composição de uma mesma obra. Nela, o artista mais famoso, aquele que de fato fora contratado para realizá-la, cuida muitas vezes do esboço, das partes mais visadas, da assinatura.

Mas como ter tempo para qualquer contemplação em uma sociedade que, agora, é regida por uma concorrência brutal? Tintoretto e Michelangelo tornaram-se homens isolados. Michelangelo jamais escondeu a sensação de isolamento, de incompreensão. Nas palavras de Sevcenko, “a solidão irremediável do artista moderno é um passo para o seu encerramento na torre de marfim de seu ofício e seu mergulho na alienação completa” (SEVCENKO, 1985, p.34).

CONCLUSÃO

O Renascimento compreendeu um momento fundamental na Idade Moderna. Após ele, realmente “não havia mais como separar arte e ciência, ambas representavam a vanguarda da aventura burguesa da conquista de um mundo aberto e de riquezas infinitas” (SEVCENKO, 1985, p.32). Marcado pelo individualismo e pelo racionalismo, heranças do século XII, o Renascimento foi um movimento complexo, um conjunto de manifestações que expressam a busca por uma explicação humanista da realidade. Observamos, abismados, no desencanto de figuras como Michelangelo e **Hamlet**, as marcas e os dilemas do homem moderno. Os renascentistas trazem consigo as contradições dos novos tempos.

Hamlet

É o personagem central da tragédia, de mesmo nome, de autoria de William Shakespeare. O texto provavelmente foi escrito entre 1599 e 1601. Situada na Dinamarca, a trama narra a tentativa de vingança de um jovem príncipe diante do assassinato do seu pai, planejado por sua própria mãe e por seu tio. O texto de Shakespeare nos coloca diante dos problemas que envolvem a loucura, a corrupção, os itinerários da vida diante da vingança, da solidão, da moralidade e da ambição. É a peça de Shakespeare mais encenada no mundo.

RESUMO

O Renascimento artístico, que teve como epicentro a Itália, marca o processo de valorização do homem moderno. Demarcado cronologicamente entre os séculos XV e XVI e agregando inquietações de períodos anteriores, ele envolve um processo marcado pela ascensão individualismo, do antropocentrismo, do racionalismo e de uma ambição ilimitada. Transformados em figuras fundamentais aos projetos de reis, papas e burgueses, os artistas aparecem como figuras de destaque na sociedade. Os pintores, por exemplo, pintam auto-retratos, inserem-se em cenas clássicas, desfrutam desenvolvimentos de uma nova posição social.

**ATIVIDADES**

1. Nesta aula tratamos do Renascimento. A partir do que foi apresentado, elabore um quadro sintetizando as principais características do Renascimento.

**COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES**

O Renascimento pode ser caracterizado como um movimento artístico iniciado na Itália. Foi marcado por forte racionalismo e expressou a ascensão do individualismo. A figura do artista passa a ocupar posição de destaque social. Podemos indicar no mesmo movimento uma intensa rivalidade entre os artistas. As obras de arte produzidas no período são caracterizadas por inovações técnicas e, no caso das pinturas, pelo uso da geometria.

AUTOAVALIAÇÃO

Esta atividade requer do aluno cuidado para a organização das ideias contidas no texto. É necessário elencar os aspectos fundamentais do Renascimento, mas ao mesmo tempo é preciso refletir sobre o que os torna centrais. Isto é, em que medida tais características são mesmo do Renascimento e até que ponto elas são uma apropriação de outros momentos da história europeia.



FILMOGRAFIA INDICADA

REED, Carol. *Agonia e Êxtase*. EUA, 1965. 138 min. Sinopse: Após ser acusado de escrever versos satíricos sobre o Papa Júlio II (Rex Harrison), Michelangelo Buonarroti (Charlton Heston) recebe uma inesperada incumbência do Pontífice. Júlio II encomenda a ele a pintura do teto da Capela Sistina. Afirmando não ser pintor, o artista recusa a tarefa, mas vê-se obrigado a fazê-la. A partir daí se desenrola uma batalha entre duas visões de mundo e se narra a construção de uma das maiores obras de arte do mundo ocidental. Observações: O filme é antecedido por um documentário de 12 minutos. É uma ótima ferramenta a ser utilizada em sala de aula. A atuação de Rex Harrison é primorosa. O filme apresenta Michelangelo como um artista angustiado, um homem em busca de um ideal de beleza. Contudo, deve-se ter atenção a certas representações da película, como a insinuação de Bramante, arquiteto de Júlio II, como um vilão. O filme pode ajudar a promover debates também sobre as relações entre o Renascimento e o desencadeamento da Reforma Protestante, pois nele há diversas representações sobre as dificuldades do Vaticano para promover as artes.



Capa do DVD do filme *Agonia e Êxtase*.
(Fonte: <http://i.s8.com.br>).



Capa do DVD do filme *Mercador de Veneza*.
(Fonte: <http://www.peninsulacinemas.com.au>).

RADFORD, Michael. *O Mercador de Veneza*. EUA, 138min. **Sinopse:** Veneza, século XVI. Para ajudar ao amigo Bassânio (Joseph Fiennes), o mercador Antonio (Jeremy Irons) realiza um empréstimo de três mil ducados com o judeu Shylock (Al Pacino), aceitando a condição de lhe entregar um pedaço de sua própria carne caso a dívida não seja paga dentro do prazo acertado. **Observações:** O filme é baseado no texto de Shakespeare. Contando com uma excelente atuação de Al Pacino, ele oferece representações sobre os preconceitos vividos pelos negociantes judeus, sobre as relações sociais na nascente Idade Moderna e sobre valores como o individualismo.

BRANAGH, Kenneth. *Hamlet*. EUA/ING., 1996. 242 min. **Sinopse:** Hamlet (Kenneth Branagh), Príncipe da Dinamarca, retorna ao Palácio de Elsinore e encontra seu tio Claudius (Derek Jacobi) casado com Gertrude (Julie Christie), sua mãe. Pouco depois, o rapaz vê o fantasma de seu pai e dele ouve um pedido de vingança. O velho rei informa ao filho que fora morto por uma trama de sua esposa seu irmão. O príncipe jura vingança ao pai e quando o Claudius e Gertrude mandam vir amigos de Hamlet, para ver o que há de errado com o moço, o jovem príncipe finge estar louco. **Observações:** Kenneth Branagh é considerado um dos melhores diretores de adaptações de Shakespeare para o cinema. Ele atua também como diretor do filme e não esconde a sua paixão pelo literato inglês. O filme é uma boa adaptação, feita de maneira cuidadosa, embora seja longo. Merece ser visto. Pode ter algumas de suas sequências utilizadas em aulas e seminários.



Capa do DVD do filme *Hamlet*.
(Fonte: <http://www.impawards.com>).

REFERÊNCIAS

- BAXANDALL, Michael. *O Olhar Renascente: pintura e experiência na Itália da Renascença*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- BURKE, Peter. *Cultura erudita e cultura popular na Itália renascentista*. In: *Varietades de história cultural*. Trad. Alda Porto. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p.177-194
- ELIAS, Nobert. *A Civilização como Transformação do Comportamento Humano. O processo civilizador: uma história dos costumes*. V. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994. p. 65-108.
- GOMBRICH, Ernst H. *A História da Arte*. 16ed. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 1999.
- SEVCENKO, Nicolau. *O Renascimento*. São Paulo: Atual, 1985.
- SHAKESPEARE, William. *Romeu e Julieta/Macbeth/ Otelo, o mouro de Veneza*. Trad. Beatriz Viégas-Faria. São Paulo: Nova Cultural, 2003.